
ANTE
ALLAN KARDEC

Perante as rajadas do materialismo a encapelarem o oceano da experiência terrestre, a Obra Kardequiana assemelha-se, incontestavelmente, à embarcação providencial que singra as águas revoltas com segurança.

Por fora, grandes instituições que pareciam venerandos navios estalam nos alicerces, enquanto esperanças humanas de todos os climas, lembrando barcos de todas as procedên-

cias, se entrechocam na fúria dos elementos, multiplicando as aflições e os gritos dos náufragos que bracejam nas trevas.

— ○ —

De que serviria, no entanto, a construção imponente se estivesse reduzida à condição de recinto dourado para exclusivo entretenimento de alguns viajantes, em tertúlias preciosas, indiferentes ao apelo dos que esmorecem no cáos?

— ○ —

Prevenindo contra semelhante impropriedade, os sábios instrutores que escreveram a introdução de “O Livro dos Espíritos” (1), disseram claramente a Allan Kardec: “Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do

bem e se unirão por um laço fraterno que prenderá o mundo inteiro”.

— ○ —

Indubitavelmente, a obra espírita é a embarcação acolhedora, consagrada ao amor do bem.

Urge, desse modo, que os seus tripulantes felizes não se percam nos conflitos palavrosos ou nas divagações estéreis.

— ○ —

Trabalhem, acendendo fachos de raciocínio para os que se debatem nas sombras.

— ○ —

Todos condordamos em que Allan Kardec é o apóstolo da renovação humana, cabendo-nos o dever de dar-lhe expressão funcional aos ensinamentos, com a obrigação de repartir-lhe

a mensagem de luz, entre os companheiros de Humanidade.

Assim sendo, traçamos estes despretenciosos comentários.

(1) Prolegômenos de "O Livro dos Espíritos". —
Nota do autor espiritual.

CADA AVE EM SEU NINHO

O mal reside na fuma da ignorância.

— ○ —

O ódio respira nas trincheiras da discórdia.

— ○ —

A inveja mora no deserto da insatisfação.

— ○ —

A tristeza improdutiva desabrocha no abismo do desânimo.